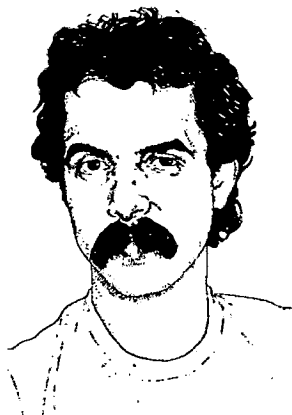


• Política

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

PT descarta moratória interna, diz Mercadante a investidores cariocas

por Cezar Faccioli
do Rio



Aloísio Mercadante

"A moratória da dívida interna não faz parte do plano de governo ou do programa econômico do PT, pois sabemos as consequências da perda de confiança nos títulos públicos, ainda mais num quadro inflacionário delicado como o brasileiro". A frase, repetida sob outras formas a uma atenta platéia de investidores no open market reunida pela Corretora Aplicap, no Rio, é do principal assessor econômico de Luiz Inácio Lula da Silva, o professor da PUC-SP, Aloísio Mercadante Oliva.

O economista do PT atribuiu as notícias de uma possível decretação de moratória interna pelo próximo governo, caso a esquerda ou a centro-esquerda ganhem as eleições, "a grupos interessados em tumultuar o processo político, o mercado financeiro ou ambos".

Segundo ele, nenhum dos candidatos deste espectro propõe isso: "Brizola, Covas e Ulysses também têm noção das consequências de uma moratória interna", disse.

O encontro contou com a presença de representantes de grandes investidores institucionais, como a Previ, dos funcionários do Banco do Brasil, e de empresas como a Souza Cruz. Fechado à imprensa, o encontro durou duas horas além do previsto, e combinou concordâncias imprevistas, como a necessidade do capital estrangeiro para o desenvolvimento nacional, e as discordâncias de praxe, como o peso primordial na composição do déficit público, se os salários do setor público ou os juros da dívida interna, alvo das críticas de Oliva, acompanhado no encontro por Paulo Sandroni.

Iniciados com a exposição dos economistas do PT, os encontros com os presidenciais promovidos pela Aplicap, dirigida pelo ex-diretor da distribuidora de títulos e valores mobiliários do Estado do Rio de Janeiro, Paulo Mallmann, prosseguem no dia 14, com a palestra do deputado fe-

deral César Maia e do vereador Tito Ryff, do PDT. Principal responsável pela intervenção do PDT de Brizola no debate econômico antes e depois da Constituinte, Maia tem bom trânsito junto ao mercado financeiro, demonstrado em episódios como a votação do limite de 12% para os juros reais e seu recente projeto de indexar os Bônus do Tesouro Nacional ao Índice Geral de Preços ao Mercado Financeiro (IGP-M), encomendado pela Febraban à FGV.

Depois, será a vez de Zélia Cardoso de Mello, responsável pelas propostas econômicas do líder das pesquisas até aqui, o ex-governador de Alagoas Fernando Collor de Mello. A primeira fase da série de debates fecha com os economistas do PMDB, Luciano Coutinho, ex-secretário-geral do extinto Ministério da Ciência e Tecnologia, e Luiz Gonzaga Belluzzo, ex-assessor especial do Ministério da Fazenda na gestão Dilson Funaro. Diplomático, Mallmann evita associar os convites à posição nas pesquisas, e acena aos demais presidenciais com convites futuros. Cotado por duas vezes para a diretoria da dívida pública do Banco Central, quando o nome de José Luis Miranda era lembrado para a presidência do BC, Mallmann se mostra preocupado em afastar do horizonte os boatos de moratória.